Revista Espaço Acadêmico – n. 239 – mar./abr. 2023 – bimestral
ANO XXII – ISSN 1519.6186

resenha

Futuro e ancestralidade em Ailton Krenak

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022 (128 págs.).

FELIPE FIGUEIRA*

Ao escrever essa resenha, em janeiro de 2023, li algo que me entristeceu: um jacaré, animal incomum em minha região, morreu afogado em Porto Rico, município paranaense a 170 quilômetros de Maringá, e que é conhecido pelas praias que atraem milhares de pessoas. Nos termos da reportagem: "A suspeita é de que o réptil tenha ficado preso na estrutura ao se abrigar em baixo do bote. De acordo com a Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Porto Rico, o corpo do animal não apresentava sinais de violência e os moradores mais antigos, que presenciaram o fato, acreditam que o jacaré morreu afogado." (Portal da Cidade Loanda, 2023).

O que o parágrafo anterior tem a ver com "Futuro ancestral", livro de Ailton Krenak, publicado em dezembro de 2022? Tudo, afinal, a grande preocupação do pensador e líder indígena é com a natureza, algo patente também em seus outros livros, "Ideias para adiar o fim do mundo" (2019) e "A vida não é útil" (2020). No caso, o jacaré foi morto em razão de uma embarcação. Um jacaré morreu afogado.

Em "Futuro ancestral", cujo título soa paradoxal, se vê uma defesa da vida, sendo que essa, se for pensada em termos de futuro e progresso, padecerá – como tem padecido. Para Krenak, a visão que a humanidade deveria adotar é outra, o

* **FELIPE FIGUEIRA** é professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Paranavaí; Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

que faz com que o pensador priorize o "som das águas" e o "ritmo da terra" em contraposição ao som das cidades e de sua robotização da vida. É assim que Krenak inicia a presente obra: "Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui." (KRENAK, 2022, p. 11).

Para quem leu as demais obras de Krenak, a expectativa por um novo trabalho é sempre grande. O que ele trará de novo? Qual som da natureza ele nos fará ouvir dessa vez? Em um misto de ansiedade e calafrio, comprei "Futuro ancestral" assim que disponibilizado pela editora. Ansiedade porque ler um filósofo profundo é sempre um prazer e um desafio; e um calafrio porque Krenak não alivia em suas críticas.

É no universo das críticas feitas pelo indígena que se encontram as destinadas à educação. Como professor, elas me afetam em especial. Krenak declara:

> Tenho percebido que estou me expondo demais, abusado dessa tecnologia, e observado que ela pode nos induzir a uma grande ilusão de resultado, de eficácia. Você se dedica a esse ambiente por horas a fio e acha que está movendo alguma coisa, mas na verdade podemos ficar ali a vida inteira e não mover nada. (KRENAK, 2022, p. 48-49).

Nos anos mais duros da pandemia de Covid-19, 2020 e 2021, tema esse também explorado por Krenak, tivemos no máximo ensino, não educação. Na verdade, tanto quanto possível, também tivemos educação, mas longe de ser a ideal ou a praticada. Para efeitos de visualização, enxergo ensino como a parte de conteúdos, espécie de educação, uma vez que esta, aqui, é vista como gênero, que envolve a pessoalidade, o cuidado, o olhar, o corpo, e, também, os conteúdos. Que professor pode se dar esse "título" se não educar? Nesse sentido, as palavras de Krenak acima destacadas se encaixam como uma luva para a defesa da educação presencial. Por outro lado, ainda na seara das críticas, a educação, uma vez mais, é criticada pelo pensador, porque, em suas palavras, tantas vezes ela tolhe a potência criativa, especialmente a infantil, formando/formatando.

Para quem ama a educação e por ela vive, incomoda ouvir as palavras de Krenak, mas, daí a jogá-las fora é um absurdo, pelo contrário, é preciso ouvi-las. Não custa lembrar, por exemplo, a crítica de Pink Floyd à educação, na clássica música "Another brick in the wall", que se assemelha às críticas de Krenak. Porém, esmiuçando essa dimensão crítica, com um fino trato pedagógico, cabe trazer as palavras de Daniel Pennac, em "Diário de Escola", e Jan Masschelein e Maarten Simons, na obra "Em defesa da escola: uma questão pública", que, sob certo ângulo, se contrapõem às do líder indígena.

> Os professores que me salvaram – e que fizeram de mim um professor – não eram formados para isso. Eles não se preocuparam com as origens da minha enfermidade escolar. Eles não perderam tempo em buscar as causas nem em me passar sermões. Eles eram adultos confrontados com adolescentes em perigo. Eles me disseram que havia urgência. Eles mergulharam. Perderam-me. Mergulharam de novo, dia após dia, mais e mais... Acabaram me tirando de lá. E muitos outros, comigo. Eles literalmente nos resgataram. Nós lhes devemos a vida. (PENNAC, 2008, p. 33).
>
> Em matéria de assassinato, é bom lembrar que, uma vez deduzidos os ataques à mão armada, as rixas na via pública, os crimes hediondos e os acertos de conta entre grupos

> rivais, cerca de 80% dos crimes de sangue têm como quadro o ambiente familiar. É sobretudo em suas casas que os homens se matam uns aos outros, sob os seus tetos, na fermentação secreta de seus lares, no coração de sua própria miséria. Fazer passar a escola por um lugar gerador de crimes é, em si, um crime insano contra a escola. (PENNAC, 2008, p. 192).
>
> Basta um professor – um só! – para nos salvar de nós mesmos e nos fazer esquecer dos outros. (PENNAC, 2008, p. 205).
>
> A escola cria igualdade precisamente na medida em que constrói o tempo livre, isto é, na medida em que consegue, temporariamente, suspender ou adiar o passado e o futuro, criando, assim, uma brecha no tempo linear. O tempo linear é o momento de causa e efeito: "Você é isso, então você tem que fazer aquilo", "você pode fazer isso, então você entra aqui", "você vai precisar disso mais tarde na vida, então essa é a escolha certa e aquela é a matéria apropriada". Romper com esse tempo e lógica se resume a isso: a escola chama os jovens para o tempo presente ("o presente do indicativo" nas palavras de Pennac) e os libera tanto da carga potencial de seu passado quanto da pressão potencial de um futuro pretendido planejado (ou já perdido). (MASSCHELEIN & SIMONS, 2019, p. 36).

E por que eu disse que também era preciso ouvir as críticas de Krenak? Porque é evidente que a educação, ou, melhor dizendo, um tipo de educação, não forma, ou, não educa para a vida, antes, torna tudo abstrato e despreza a imaginação. Nietzsche, em sua época de estudante, criou uma sociedade, a Germânia, em que quanto mais inútil alguém fosse, melhor seria: "Não queríamos significar nada, nada representar, nada nos propor, queríamos não ter futuro, não queríamos ser úteis para nada, confortavelmente estendidos no limiar do presente – e estávamos. Como éramos felizes!" (NIETZSCHE, 2003, p. 58-59). Masschelein e Simons (2019, p. 25), no trabalho já citado, também destacam a escola (*skholé*) enquanto lugar do "tempo livre", "adiamento" e do "descanso", nos termos nietzschianos, de inutilidade. Krenak, segundo a minha compreensão, é um pensador que vai na direção da inutilidade, aqui vista como algo fantástico, quase mágico, que se opõe ao utilitarismo e ao capitalismo. Como desprezar, então, as críticas de Krenak? Impossível.

Além do apelo educacional, Krenak também cuidou, em poucas, mas profundas palavras, de tratar de temas essenciais para a vida, o que o faz por meio de cinco capítulos: "Saudações aos rios", "Cartografias para depois do fim", "Cidades, pandemias e outras geringonças", "Alianças afetivas", e "O coração no ritmo da terra". E que temas seriam esses? A natureza, as cidades, as pandemias, a cidadania (e a fundamental "florestania"), a economia, dentro outros. Tudo é dito de modo cuidadoso e visceral, fruto de décadas de reflexão. Não se trata de eruditismo, antes, de preocupação com a vida em seus mínimos detalhes. É por causa dessa preocupação com detalhes que não são mínimos que eu pude sentir semelhanças entre Krenak e Manoel de Barros, pois este criou poemas cheios de vida, olhando para as coisas minúsculas como grandezas: "O homem se arrasta/ de árvore/ escorre de caracol/ nos vergéis/ do poema." (BARROS, 2010. p. 33). Abaixo destaco alguns trechos que trazem a potência do pensamento de Krenak:

> Eu acho engraçado que tem gente que aceita com naturalidade considerar um rio sagrado desde que ele esteja lá na Índia, e saiba de cor que ele se chama Ganges, enquanto ousa saquear o corpo do rio ao lado, cujo nome desconhece, para fazer resfriamento de ciclos industriais e outros absurdos. (KRENAK, 2022, p. 20).

> A urbanização do Brasil é tardia. Ainda nas décadas de 1960 e 1970, havia campanhas para as pessoas saírem do campo e irem para os centros urbanos, o que acarretou um grande êxodo rural. Muita gente saiu da zona rural para liberar a área para o agronegócio e foi passar fome nas cidades. Ainda segundo Viveiros de Castro, o Brasil se especializou na produção de pobres. Nossa tecnologia para produzir pobreza é mais ou menos assim: a gente pega quem pesca e colhe frutos nativos, tira do seu território e joga nas periferias da cidade, onde nunca mais vai poder pegar um peixe para comer, porque o rio que passa no bairro está podre. Se você tira um Yanomami da floresta, onde ele tem água, alimento e autonomia, e bota em Boa Vista, isso é produção de pobreza. Se expulsa o pessoal da Volta Grande do Xingu para fazer uma hidrelétrica, mandando para um beiradão de Altamira, você convertendo-o em pobre. (KRENAK, 2022, p. 56-57).

> Nossa sociabilidade tem que ser repensada para além dos seres humanos, tem que incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos. Meus grandes mestres da vida são uma constelação de seres – humanos e não humanos. (KRENAK, 2022, p. 101).

"Futuro ancestral" é um livro que deve ser lido em qualquer curso de graduação, em qualquer pós-graduação, na verdade, deve ser lido por todo aquele que quiser ir além do pré-estabelecido. Sua linguagem é simples e direta, traz histórias que mexem com o leitor e, por isso, quem sabe, têm a capacidade para provocar mudanças. Para retomar uma imagem de "Ideias para adiar o fim do mundo", "Futuro ancestral" é um "paraquedas colorido" (KRENAK, 2020, p. 63).

Referências

BARROS, Manoel. **Gramática expositiva do chão**. São Paulo: Leya, 2010.

KRENAK, Krenak. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Jacaré aparece morto em orla de Porto Rico. Acesso em 11 de janeiro de 2023. Disponível em: https://loanda.portaldacidade.com/noticias/regiao/jacare-aparece-morto-em-orla-de-porto-rico-5701

MASSCHELEIN, Jan & SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino**. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

PENNAC, Daniel. **Diário de Escola**. Trad. de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Recebido em 2023-01-11
Publicado em 2023-03-13